

DESAFIOS DO TRABALHO COM A LEITURA EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES

Midiã Izlia Praxedes dos Santos, MIPS, Iure Coutre Gurgel ICG

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN

RESUMO

O trabalho com a leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tem sido algo de grande necessidade, haja visto, o desafio da escola em formar alunos leitores e produtores de texto. Para isso, cabe ao professor buscar estratégias capazes de favorecer o desenvolvimento cognitivo dos educandos, na busca de desenvolver o hábito de leitura destes. Para isso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância do trabalho com a leitura de forma contextualizada para a formação de alunos leitores. Como referencial teórico, nos respaldamos em: Brasil (2014), Freire (2014), Charlot (2013), Soares (2014), dentre outros. A metodologia que alicerça essa pesquisa é de abordagem qualitativa, através de uma pesquisa bibliográfica e da realização de observações em sala de aula para reflexões acerca da temática em evidência. Os resultados apontam para a necessidade da escola buscar desenvolver um trabalho contextualizado com práticas eficazes de leitura e escrita, para a consolidação do processo de alfabetizar na perspectiva do letramento dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, acreditamos ser vital, o professor desenvolver seu planejamento tendo como referência o aluno, suas dificuldades e potencialidades, para que dessa forma, venha contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Leitura. Formação de leitores. PNAIC.

INICIANDO NOSSO DIÁLOGO...

É indiscutível a importância do ser/estar alfabetizado em sociedades desenvolvidas que possuem a leitura e a escrita no centro de suas atividades. Nestas sociedades, a aquisição das habilidades de leitura e escrita possuem papéis e funções distintas e complementares: ao mesmo tempo em que o uso efetivo da língua escrita garante a inserção no mundo do trabalho e tantas outras oportunidades de ascensão social e econômica, a conquista das habilidades leitoras pode dar aos sujeitos maiores condições para transformação de sua realidade local à medida que participam de forma mais reflexiva, tomando consciência de seus limites, bem como, possibilidades e lançado mão de instrumentos que permitem o exercício ativo de sua cidadania.

Freire (2014) já preconizava uma prática alfabetizadora libertadora dos indivíduos. Libertadora de seu estado de ignorância diante das opressões por eles sofridas e libertadora no sentido de possibilitar sua participação social de forma mais eficaz e competente. Por sua vez, é preciso considerar que a medida que a sociedade avança econômica, política e socialmente, as concepções de alfabetização e seus usos se tornam mais complexos. Se antes eram considerados alfabetizados os indivíduos que assinavam o nome completo ou escreviam listas simples e pequenos bilhetes, hoje, os leitores precisam atender às mais variadas solicitações e demonstrar um maior domínio no campo da leitura e da escrita.

Nesse contexto, temos atrelado ao conceito de alfabetização o conceito de letramento. Este termo acrescenta ao conceito alfabetização a compreensão de que não basta apenas codificar ou decodificar a língua escrita para se constituir um leitor competente, mas se faz necessário compreender os diversos usos e funções sociais desta língua e participar de suas práticas. Práticas essas que envolvem uma gama de aprendizagens, bem como uma variedade de meios de aprender. Hoje em dia são disponibilizados recursos, aplicativos e até mesmo jogos didáticos para alfabetização, a nova era do letramento digital. Ainda assim, a escola e o professor possuem papel fundamental no ensino da língua escrita. Mesmo diante de inúmeras falhas, acredita-se no papel e função social da escola na oportunização da leitura e escrita para os sujeitos.

De acordo Cook-Gumperz in Magda Soares (2014, p.84), “É consenso social, nos dias de hoje, que o letramento é tanto o objetivo quanto o produto da escolarização”. Espera-se que na escola os alunos encontrem um ambiente propício para a alfabetização, que nela possam adquirir competências leitoras e que ao saírem sejam capazes de participar das mais diferentes atividades que o uso da língua escrita se faz essencial.

Temos assim, a origem de novos conflitos e desafios da educação formal e escolar. Em face aos novos avanços tecnológicos a escola e seus professores são cobrados a se reciclarem e aderirem as novas tecnologias. Faz-se urgente os investimentos em recursos e práticas inovadoras para atender as demandas atuais. A escola é acusada de atraso em relação aos métodos de alfabetização por ela utilizados à medida em que também apontam uma formação deficiente de professores alfabetizadores. Assim mesmo, tais críticas e avaliações servem para indicar o importante papel da escola como primeira e principal formadora de leitores, pois, entende-se que, apesar das falhas institucionais, aniquilar a escola ou invalidar o trabalho docente jamais será a solução, a luta sempre será em favor da escola no sentido de torná-la eficiente e de qualidade.



Para isso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância do trabalho com a leitura de forma contextualizada para a formação de alunos leitores. Como referencial teórico, nos respaldamos em: Brasil (2014), Freire (2014), Charlot (2013), Soares (2014), dentre outros.

A metodologia que alicerça essa pesquisa é de abordagem qualitativa, através de uma pesquisa bibliográfica, e tivemos como instrumentos: a realização de uma entrevista semiestruturada e observações em sala de aula. Os resultados apontam para a necessidade da escola buscar desenvolver um trabalho contextualizado com práticas eficazes de leitura e escrita, para a consolidação do processo de alfabetizar na perspectiva do letramento dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A ESCOLA E OS DESAFIOS DE ALFABETIZAR NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: As contribuições do PNAIC

Frente às tantas exigências é esperado que a escola além de alfabetizar e letrar seus alunos, desperte neles o prazer e a paixão pela leitura. Temos assim definido um desafio de múltiplas faces e de grande complexidade para a escola e especificamente para professores e professoras alfabetizadores (as).

Antes de discutirmos este ponto, faz-se necessário analisarmos um dos principais conflitos vividos no interior de turmas de alfabetização - o embate dos métodos de alfabetização e letramento. Isso porque nossas escolas apresentam inúmeras deficiências em relação ao nível e quantidade de crianças que conseguem se alfabetizar na idade certa e no centro das discussões - seja de teóricos, órgãos do governo e/ou no interior da própria escola – encontra-se a questão dos métodos.

Cada método traz consigo uma concepção de alfabetização e um entendimento do processo ensino-aprendizagem da língua escrita. Divididos em dois grupos: métodos sintético e global, um e outro apresentam um menor ou maior compromisso em trazer para dentro das atividades de alfabetização as práticas e usos sociais da leitura e escrita do contexto em que os sujeitos estão inseridos. Há mesmo períodos em que se investe em programas que defendem um método em detrimento ao outro, e assim, essa problemática parece nunca se esgotar. Temos exemplos bem recentes para ilustrar a situação. No ano de 2000, as escolas da rede estadual de ensino do Rio

Grande do Norte, especificamente os ciclos de alfabetização, aderiram ao Programa Alfa e Beto. Nele as práticas e concepções estavam pautadas no método sintético de alfabetização, mais especificamente no método fônico. Atualmente o Programa em andamento é o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que traz a maioria de suas propostas e práticas, concepções pautadas nos métodos globais.

Mesmo assim, é possível contemplar em nossas salas de aula a variedade de exercícios onde os métodos sintéticos e globais convivem simultaneamente. Há, inclusive, grupos de educadores e estudiosos que acreditam ser possível uma combinação de ambos, atendendo urgências no que diz respeito as dificuldades de aquisição das habilidades de codificação e decodificação da língua, ao mesmo tempo em que se forma leitores competentes e usuários eficientes da língua escrita em suas atribuições sociais.

A partir de tais reflexões, enfatizamos a necessidade do desenvolvimento de um trabalho envolvendo a leitura e a escrita de forma sistematizada, como sugere o PNAIC, onde torna-se imprescindível o contato dos educandos com uma diversidade de gêneros textuais afim de familiarizá-los e de contribuir com o desafio de formar alunos leitores. Agregada a esta visão, Martins e Silva (1999, p. 49) ressaltam que

A aprendizagem da leitura e da escrita é talvez o maior desafio que as crianças têm que enfrentar nas fases iniciais da escolaridade. Ganhar esse desafio é, num mundo dominado pela informação escrita, o primeiro passo para que cada uma das crianças que hoje frequenta a escola seja no futuro um cidadão efetivamente livre e autônomo nas decisões que toma. A alfabetização não apenas condiciona todo o posterior percurso acadêmico, como igualmente vai moldar o acesso a novos conteúdos e processos intelectuais, determinando, em parte, os limites daquilo que é a liberdade individual de cada um. (MARTINS E SILVA, 1999, p. 49)

Assim sendo, percebemos o quanto é importante para o aluno em processo de alfabetização a familiaridade com os diferentes suportes textuais que circulam em nossa sociedade, oportunizando o desenvolvimento de habilidades e competências leitoras, tornando-se assim, leitores e escritores autônomos.

O CONTEXTO DAS SALAS DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E PROPOSTAS PARA UMA PRÁTICA ATIVA.



Ao adentrarmos em ambientes de turmas de alfabetização, nos deparamos com uma infinidade de desafios e diversidade de níveis de alfabetização e letramento entre os alunos. Cada aluno inserido em um contexto específico traz consigo um leque de experiências do mundo letrado, alguns com um grau avançado de sistematização do conhecimento da língua, leitores e escritores competentes dentro das possibilidades de sua faixa etária. Outros, apresentam níveis mais elementares, não reconhecem letras ou se conhecem não realizam as correspondências fonema/grafema e há, ainda, crianças em níveis intermediários.

Na urgência de vencer os altos índices de analfabetismo e mesmo o analfabetismo funcional e diante das inúmeras dificuldades presentes em salas de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o MEC tem acreditado na importância da formação continuada e vem investindo nessa formação para a melhoria das práticas alfabetizadoras em sala de aula de seus professores e professoras, lançando ano de 2012 o PROGRAMA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA - PNAIC.

O objetivo do programa, além de garantir que todas as crianças em até 8 anos de idade concluam o 3º ano do Ensino Fundamental alfabetizadas, é o de garantir uma formação docente em que a postura do professor alfabetizador esteja em acordo com as novas perspectivas e entendimento de alfabetização e letramento, expostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997). Em todo o documento prevalece a concepção de um ensino da língua em que se prioriza a utilização de práticas de alfabetização que se façam presentes os usos efetivos de textos de real circulação no contexto social. Ao mesmo tempo em que se dá ênfase às aprendizagens significativas, habilitando os alunos para a compreensão do que se lê e as funções da escrita. Assim, os PCN de Língua Portuguesa reconhecem:

“A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda, uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.” (BRASIL, 1997, p.29.)



O PNAIC tem se destacado nesse sentido e vai além. Em seus encontros de formação, há o cuidado de propor e conduzir uma reflexão teórica entre os professores acerca das principais concepções de alfabetização ao mesmo tempo em que avaliam e refletem sobre práticas e posturas em sala. Além de oportunizar a atualização de saberes pedagógicos e didáticos, nos encontros são organizados momentos de planejamento coletivo de atividades a partir do que vem sendo estudado em curso e do que o professor avalia em sua turma. Com momentos de troca de ideias e apresentação de resultados de trabalho realizado em sala, construindo assim, a autonomia e valorizando o trabalho criativo do professor.

A formação possibilita em seus encontros a reflexão de várias situações de sala de aula que angustiam os professores. Uma das situações mais pertinentes que se tornam tema de debates nas reuniões de formação e que possui, inclusive, em seus cadernos um capítulo para análise, é o trabalho de alfabetização em turmas heterogêneas.

A escola pública se democratizou e sua clientela se tornou cada vez mais heterogênea e essa heterogeneidade traz consigo grandes desafios para o professor. Muitas angústias e sentimentos de incapacidade afetam o alfabetizador, ainda assim, como cita Charlot (2013, p. 41);

“[...] a escola contemporânea é permeada por contradições estruturais. Enquanto a escola seleciona seus alunos, ela vive uma situação de relativa paz, quando ela se abre a novos públicos escolares, ingressam também nela novas contradições sociais. Cada vez que acontece uma democratização em uma parte da escola, essa parte entra em ‘crise’. Por minha parte prefiro essa ‘crise’ de uma escola democratizada à paz de uma escola elitista.”

Diante desta nova composição, a postura do professor deve ser a de um entusiasta, que entende a escola como um espaço de inclusão, acolhida, aprendizagem e assim, assume o desafio de buscar vencer as dificuldades que surgem ao longo de seu trabalho e igualmente motivar seus alunos a superá-las.

Mas na prática, como é possível trabalhar diante de tanta diversidade e diferentes níveis de forma a garantir que todos aprendam a ler?

Encontramos em inúmeros textos e autores e, como mencionado anteriormente, nos cadernos do PNAIC, argumentos em favor da diversidade e heterogeneidade em sala. De acordo



com as reflexões presentes nestes estudos, o professor reflexivo e seguro de sua prática possui em sala de aula heterogênea, um campo rico e propício para o trabalho em alfabetização. Primeiro, compreendemos hoje, que mesmo em uma sala de aparente homogeneidade, encontramos diversidades de níveis de aprendizagem. Cada criança apresenta um ritmo e traz consigo vivências particulares de um mundo letrado. Não existem salas de aula verdadeiramente homogêneas, o que pode existir são tentativas de tratá-las como sendo uniformes. Segundo, o professor que consegue olhar com cuidado sua turma e identificar nela suas peculiaridades e heterogeneidades, descobre um leque de possibilidades para as suas práticas de alfabetização.

A dinâmica da sala de aula se torna mais rica e também diversa quando o professor alfabetizador está atento e procura respeitar as particularidades de seus educandos. A forma como a turma se organiza por exemplo, com atividades em grupo, são bastante valorizadas entendendo que no trabalho coletivo o professor pode atender melhor as especificidades das crianças, ao passo que estas podem dialogar e aprender efetivamente com seus pares. Além da usual forma de agrupamento dos alunos onde os mais experientes se juntam aos menos experientes para auxiliá-los e mediar suas atividades, são orientadas a organização de grupos em que os alunos estejam reunidos por aproximação de níveis de aprendizagem.

Nesta forma de distribuição de grupos, por níveis aproximados, vê-se facilitado o trabalho do professor junto aos alunos com maiores dificuldades, já que poderá trabalhar com atividades diversificadas atendendo de forma mais ativa e acentuada estes grupos, ao mesmo tempo que dará maior autonomia ao agrupamento de alunos já alfabetizados, com atividades específicas e que garantem condições para a progressão de suas competências. De acordo com as orientações do Brasil (2012, p.10):

Dentre as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos (as) professores (as), uma das mais relevantes e difíceis é a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar com todos ao mesmo tempo. Para Leal (2005, p.91), ‘se entendermos o que cada aluno já sabe e soubermos escolher opções didáticas para cada um deles, teremos percorrido um longo caminho na nossa profissionalização. Se, além disso, soubermos atuar com todos ao mesmo tempo, atendendo as diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil do professor alfabetizador (a)’.”

Como pudemos ver até aqui, as salas de alfabetização estão repletas de desafios para o professor. Nela encontramos também um verdadeiro laboratório, ambiente propício para estudos, reflexões e principalmente, construção.

Inúmeras expectativas e metas se colocam para serem alcançadas. Dentre elas o de formar crianças e jovens que veem na leitura, além de uma fonte de aprendizagem e de inserção em práticas sociais, também uma fonte de prazer e apreciação.

Todavia, o que se percebe no ambiente escolar é uma leitura marcada por uma série de exercícios mecânicos cujos objetivos nem sempre fazem sentido ao aluno. Como exemplos podemos citar atividades tais como: ler para fazer resumos, exercícios de interpretação, ler para fichar, ler para estudar para a prova, para treinar fluência leitora, entre muitos outros. E quando se trata de turmas de alfabetização a leitura para as crianças se torna ainda mais mecânica. Constitui, na maioria das vezes, em leitura de sílabas e/ou palavras previamente selecionadas pelo professor, para um trabalho específico de aprendizado de uma determinada família silábica. O contato com os livros infantis é mínimo, pois subentende-se, de forma equivocada, que se a criança não “sabe ler” para ela não há necessidade do estímulo à leitura de livros literários.

Na contramão dessa realidade, podemos encontrar nos cadernos do PNAIC (2012) e PCN Língua Portuguesa (1997), uma série de reflexões acerca das inúmeras práticas leitoras em sala de aula e sugestões para o trabalho com a leitura para além do aprendizado da língua escrita, mas também para a consolidação de práticas que estimulem o hábito de uma leitura para deleite.

São práticas que podem envolver todos os alunos independente do grau ou nível de alfabetização destes. Leituras deleites feitas pelo professor numa roda de conversa, um momento em que a leitura tem como objetivos a diversão e o despertar da imaginação. Momentos de contação de histórias variando a forma de apresentação, com o uso de fantoches, materiais de sucata, dramatizações. Situações que propiciem para as crianças a interação com a história.

A escola enquanto formadora de leitores dever investir em um acervo rico de livros dos mais variados gêneros para que as crianças possam ter contato com os mesmos em sala ou tomar emprestados estes livros para leitura em casa. Organização de ambientes e eventos como saraus, dramatizações e espaços para contação de histórias pelas crianças são atividades estimulantes.

Alfabetizar, letrar e, principalmente, formar alunos e alunas apaixonados e apaixonadas pela leitura são desafios contínuos das salas de aula de nossas escolas, o que requer de nós, professores

compromisso com a docência além de uma articulação contextualizada de nosso trabalho, numa perspectiva de promover a formação de alunos leitores e produtores de textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valorizar a riqueza presente na heterogeneidade das salas de aula de alfabetização, reconhecendo que o processo de ensino-aprendizagem se dá de forma específica e em tempos diferentes de acordo com a maturação cognitiva de cada criança, e ainda, levando em consideração o contexto social de cada um, é fundamental para o sucesso do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

É igualmente importante o investimento na formação continuada de professores alfabetizadores, não apenas para mantê-los atualizados acerca de novas teorias e metodologias, mas, principalmente, para proporcionar a estes profissionais a reflexão de suas práticas, a criatividade na elaboração de atividades e troca de experiências com os colegas. A formação continuada permite o contínuo exercício da reflexão da ação e reelaboração de práticas.

Alfabetizar é um dos processos mais complexos em sala de aula. Aprender a ler e a escrever requer do alfabetizando muito esforço, motivação e mobilização. A sala de aula, o professor e a escola devem proporcionar um ambiente alfabetizador com estímulos, materiais adequados e métodos que além de garantirem a codificação e decodificação da língua escrita, possibilitem a compreensão e o uso efetivo dessas habilidades no contexto social. Além de desenvolver o hábito e o prazer pela leitura de livros de diferentes gêneros ou outros suportes textuais, superando práticas mecânicas que inibem a formação de leitores, de amantes da leitura.

Com este trabalho tivemos a oportunidade de refletirmos acerca de alguns desafios enfrentados pela escola contemporânea no tocante ao processo de alfabetização na perspectiva do letramento, tendo em vista a pluralidade de saberes existentes em sala de aula, bem como, a falta de motivação que alguns alunos apresentam em relação a leitura/escrita com autonomia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a heterogeneidade na sala de aula e a diversificação nas atividades: ano 3, unidade 7. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1997.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1º ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49º ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1999

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3º ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.